

## “O que dita a dor”: em memória de Sérgio Blank

---

## “O que dita a dor”: In Memory of Sérgio Blank

Vitor Cei\*

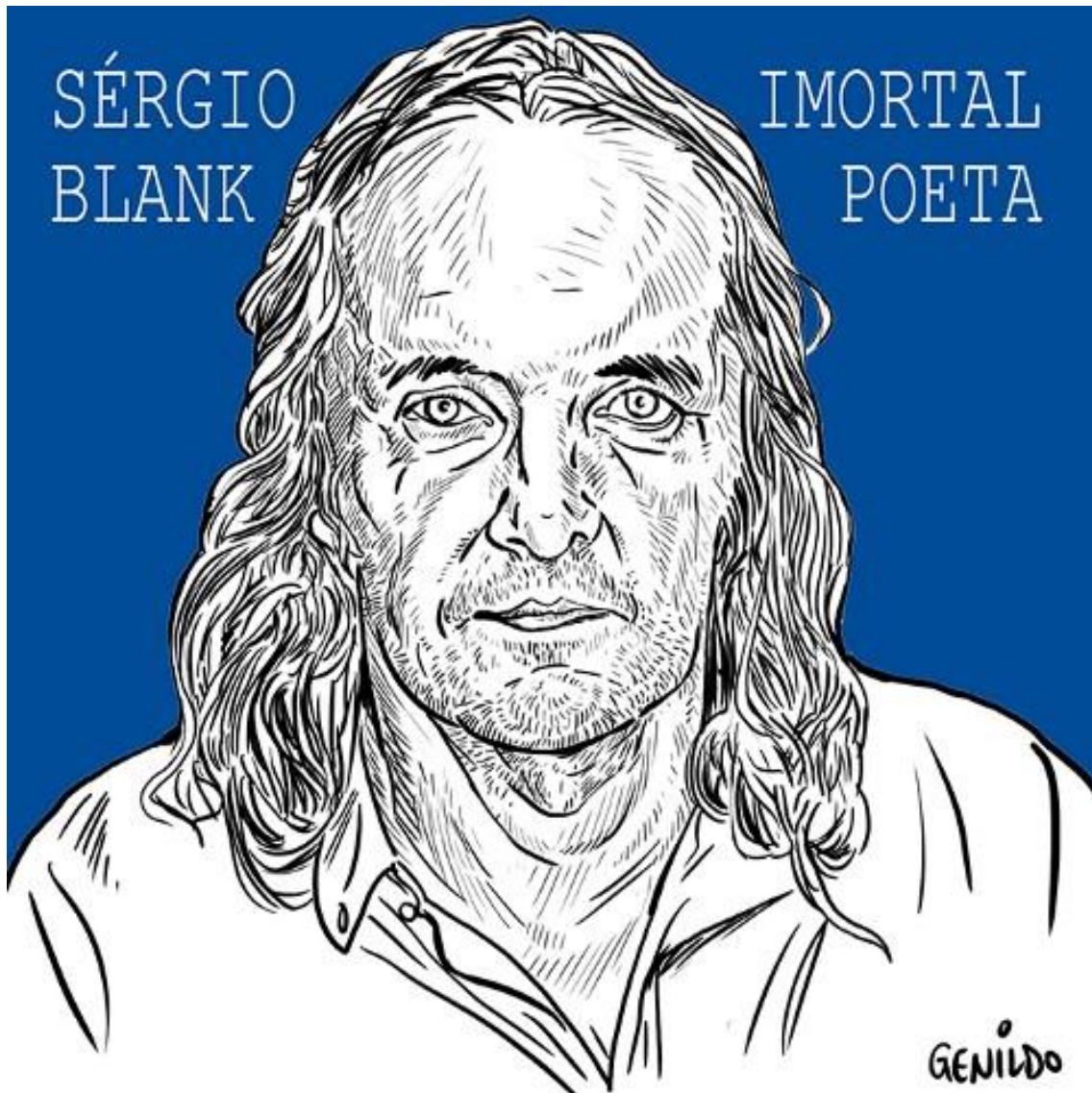
“O que dita a dor”, título de um poema do livro *Pus* (1987), de Sérgio Blank, serve como título desta seção especial em que a possibilidade da impossibilidade da existência desse nosso gentil e bravo companheiro nos reúne e convida-nos a pensar e a celebrar sua vida (Cariacica, 7 de abril de 1964 – Cariacica, 23 de julho de 2020) e obra.

Escritores(as), amigos(as) e interlocutores(as) homenageiam o poeta com depoimentos em prosa, poemas, fotografias e charges, reunindo sentimentos de força e luto pelo poeta ocupante da cadeira n. 9 da Academia Espírito-santense de Letras, conhecido por sua linguagem inventiva, sua calma gentileza e seu intenso trabalho pela cultura literária no Espírito Santo.

Evoé, Blank!

---

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Charge de Genildo Rochi.

"Sentiremos  
sua ausência,  
Poeta..."

Cybercharges

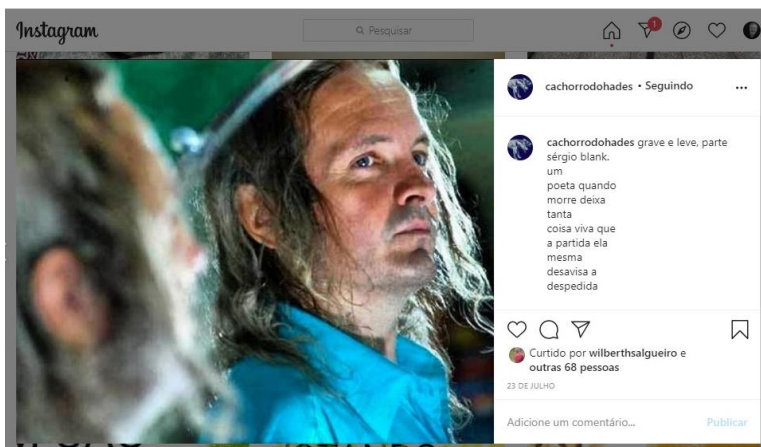
BLANK  
64 - 20

Charge de Márcio Vaccari.

anjo é o caralho

grave  
e leve  
parte  
sérgio blank  
um poeta  
quando morre  
deixa tanta  
coisa viva  
que a partida  
ela mesma  
desavisa  
a despedida  
"anjo é o caralho"

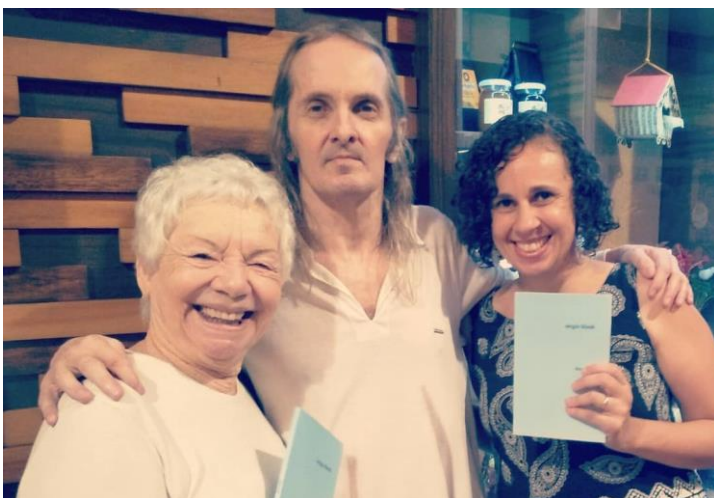
Adolfo Oleare  
(Docente do Ifes e músico)



Postagem de Adolfo Oleare no Instagram, em homenagem a Blank, em julho de 2020 (Foto sem crédito).

O que dizer a respeito de Sérgio Blank, tão pouco tempo depois da sua partida precoce? Dizer que ele era um enorme e afetuoso poeta? Dizer da sua generosidade com a literatura, com os escritores e com a formação de leitores? Dizer da doçura, do talento e do quanto ganhamos quando ele voltou a publicar? Quase tudo soa como chover no molhado, repetir o que tantos colegas têm dito, repetidamente. Porque o Blank era mesmo enorme, afetuoso, generoso, e sou extremamente grata pela honra de ter convivido com ele e por ele ter publicado meu primeiro texto em um livro. Era *Esperando Godard*, uma crônica sobre os filmes que não víamos por causa da falta de salas de exibição no Espírito Santo, no volume *Cine e Vídeo* da série *Escritos de Vitória*, de 2003. No dia combinado, encontrei o Blank numa das oficinas literárias que ele ministrava para pacientes com transtornos mentais. Não esqueço a cena: uns escreviam, outros desenhavam, outros olhavam além, sob a regência afetuosa e generosa daquele poeta enorme, que partiu precoce, nos deixando ligeiramente repetitivos quando dizemos a seu respeito.

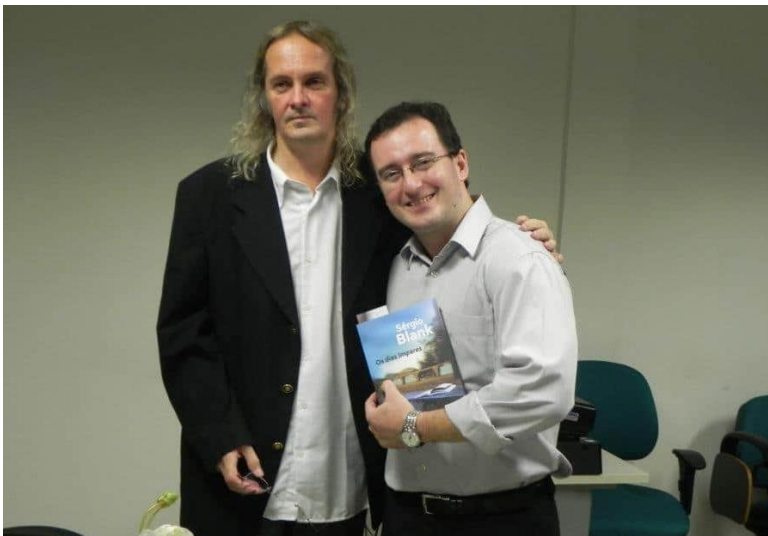
Ana Laura Nahas  
(Escritora e jornalista)



Bernadette Lyra, Blank e Ana Laura Nahas, no lançamento de *Blue Sutil*, no Horto Mercado, em fevereiro de 2019 (Foto sem crédito).

É impossível falar sobre a História da Literatura Brasileira produzida no Espírito Santo sem falar de Sérgio Blank. Tive a honra de ministrar um minicurso, por duas vezes, sobre o tema. Blank sempre foi presença indispensável, com seus escritos. Ele marcou toda uma geração que veio, sobretudo, a partir dos anos 1980, com irreverência, criatividade e sensibilidade. Ele descobriu e incentivou talentos, gente que se inspira nele, até hoje. Poetas, no entanto, não morrem: eles vivem para sempre nos seus textos e os de Blank, certamente, já fazem parte do nosso cânone.

Anaximandro Amorim  
(Escritor)



Blank e Anaximandro, no lançamento de *Os dias ímpares*, em 2011, na Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo (Foto sem crédito).

## Sérgio, *a casa de meus pais é de meus pais*<sup>39</sup>

Queria ter dito antes. E quem sabe até tenha feito, mas na corredeira dos dias, quando as coisas (mesmo as importantes) fingem não ter fim. E quando se diz assim, em meio ao que corre sem que se note, as palavras se perdem rápido. Muito jovem, quando descobri seus livros, tomei cada verso seu como um trago. E dividi com os amigos, depois com os alunos. Foi essa, a dos poemas, a intimidade de que privei mais. Diáfano na flauta da voz, sob a pele de papel, na paina dos pelos, você soube pregar fundo os seus versos de xilogravura. *a noite noir está aí para ñ me deixar mentir*

Minha história infantojuvenil foi uma homenagem a sua *Safira*. Tanto tempo e jamais falamos nisso. Safira escrevia... a minha Lia: o azul da tinta de caneta, sangue e sonhos desenhados nos lençóis... *meu sangue (por isso) é azul esferográfico/ de um tom d'um blue inexpressivo e rápido*

Eu pouco disse de como e quanto me fundou a sua escrita (escritores podem ser tão inábeis para demonstrar afeto); menos ainda da minha identidade com seu trajeto imigrante, incabível debaixo deste sol, solidão. *mas o mar está aí para meus afagos/ para peixe e espinha*

Três vezes porém estivemos verdadeiramente juntos: a primeira soube a alegria alheia; a segunda soube a saber da dor. Na terceira, os olhos da maldade caíram sobre nós como flechas. Você não baixou a cabeça, mas também não ergueu o pulso: fixou no monstro seus grandes olhos de bicho e lentamente deslizou a mão sobre a mesa, retirando um cisco da toalha como quem delimita um território imaginado. Por um segundo acreditei que, num piparote, fosse arrancar uma máscara. Mas não: com o tempo de um músico, você afinava três lúcidas palavras. Mágico, sem fúria aparente, dissipou no ar, com os dedos finos e firmes, a seta lançada na nossa direção.

Braços dados, feito crianças que se emancipam, seguimos contentes e fortes pela beira do mar: por hoje está salva a nossa alegria.

*eu e eu/ e uns amigos que ñ aparecem e não mandam notícias suas*

Andréia Delmaschio  
(Escritora e docente titular do Ifes)

<sup>39</sup> Os versos em itálico foram retirados do poema "Os meus inquilinos", do livro *Pus*, de Sérgio Blank.





Blank, Andréia Delmaschio e Reinaldo Santos Neves, no lançamento do livro *Nomes para viagem. Renato Pacheco: vida e obra*, de Andréia, na Livraria Logos, na Enseada do Suá, em Vitória, em 2002 (Foto sem crédito).



## Nem mesmo os sobreviventes escapam do tempo

Quando a ilha ainda era tão pequenina, tão pequenina, não no tamanho, pois que assim ela ainda o é, mas nas proximidades das criaturas que nela habitavam e de tal forma que todo mundo nela se conhecia, eu frequentava a Mandala, a livraria de Robinho, que ficava em um a ladeira atrás da catedral. Um dia, lá estava um rapaz magro, muito branco, espigado. Era quase diáfano. De tal forma que fiquei sem saber se era gente ou era anjo.

Era gente mesmo. O nome dele era Sérgio Blank. Falou-me de um livro de poemas que tinha vontade de publicar. Eu vinha de meu primeiro livro de contos, "As contas no canto", que ganhou um Prêmio Fernando Chinágliã, e Reinaldo Santos Neves havia intermediado para publicação na Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Disse isso ao rapaz e ele me olhou em silêncio com o que me pareceu uma mirada incisiva, porém doce e macia.

Daí à frente, muitas vezes eu o encontrei, nas peregrinações que fazia pelas poucas livrarias da cidade. Estava sempre lá, entre livros, quase pairando com o se tivesse asas escondidas por trás dos cabelos que eram louros e longos. Muitas vezes também passei por ele nas passarelas da Ufes, onde eu dava aula para o curso de Letras.

Anos depois, quando eu morava no Rio para fazer um mestrado, Sérgio Blank apareceu no diminuto apartamento que eu tinha alugado na rua São Salvador. Levava os originais de Pus, em busca de editora. Liguei para um amigo, Júlio Cesar Monteiro Martins, editor da Ânima, que aceitou receber o poeta, ficou encantado com aquele jeito punk divino maravilhoso dele e deu forma de livro a seus poemas.

As histórias das pessoas se cruzam e se descruzam. Assim foi com a história dele e a minha. Muitas coisas compartilhamos, muitas coisas ainda teríamos a compartilhar. Cada um de nós a seu modo. "Hoje vivo porque acredito no instinto de sobrevivência" – Sérgio Blank escreveu. Penso que é essa a mesma crença que mantém a existência de todas e todos nós que fazemos literatura. Mas tempo não perdoa. E nem mesmo os sobreviventes escapam do tempo. Agora, ele se foi. O que resta é deixar que seus versos sejam perenes e a lembrança de sua presença seja imarcescível.

Bernadette Lyra  
(Escritora e docente emérita da Ufes)



Blank e Bernadette Lyra, no evento Cachaçada Literária, em 2016, em Vitória (Foto sem crédito).

# C

oestelário

para Sérgio Blank



Daniel Kondo  
(Ilustrador)

Guilherme Gontijo Flores  
(Escritor, tradutor e docente da UFPR)

## Luz dos olhos que não se fecham

*Luz nos olhos dos que ficam à espreita.* Foi esse o lugar de enunciação que você escolheu pra mim na apresentação literária que ganhei de presente, catando palavras com a delicadeza de um menino. Menino que colheu jabuticabas dos meus olhos. Você lançou sua íris de safira sobre mim e me chamou de escritor. Eu era um cachorro caído do caminho de mudança, que você acolheu e apresentou pra todo mundo. Ignorante confesso de seus versos, fui até sua casa com os originais do meu primeiro livro. Ali já se desenhava uma blue sutil amizade. Vírgula. Nos cruzamos num desses caminhos que, raros, nos trazem de volta do abismo. Eu ainda reemergia do oceano gelado de uma internação psiquiátrica, você do gosto de morte que o perseguiu por cinco anos, da doença que no fim nunca te venceu. Conheci a pessoa antes do poeta. Ali fumei cigarros, você gostava do cheiro. Apreciava como quem acende um incenso. Ali fizemos nossas orações, destinadas ao sagrado que mora nas miudezas do cotidiano. Ali tomei meus porres, que você acompanhava, quando muito ousado, com uma Coca-Cola gelada. Sobre aquela colcha azul, o “céu de veludo” que foi palco até de dança, te vi recostar-se muitas vezes. E certa vez te escrevi uma carta enquanto dormia, na inspiração do teu silêncio, dizendo que não seria uma hipérbole considerá-lo um amigo perfeito. Quanto das nossas vozes não guardam aquelas paredes? Também as vozes de Tim Maia, Tom Zé, Nara Leão. Os sopros de Coltrane. Quanto daquele chão não roubou uns goles da minha cerveja, não deixou espalhar cinzas do meu Lucky Strike azul? Quando te conheci, você voltou a sair, comparecer a eventos. Você me carregava e eu carregava você. Seja apreciando a fauna literária de Vitória, seja aprendendo com o rico anedotário que circulava nos bares de Campo Grande. Você nunca deixou de frequentá-los. Dez cervejas pra mim, duas águas e um picolé pra você. Ali tiramos grandes lições de antropologia e poesia, de humanidade. Você, sem saber, era o grande mestre, que se escondia entre os gritos e sussurros da madrugada. As manhãs eram daquela padaria aspirante a quitanda. As pizzas de sempre. Por vezes pão doce. Isso tudo é tão pequeno, não? Afinal você era o Sérgio Blank, nosso poeta maior, anos e anos de uma dedicação ímpar à divulgação e publicação de autores capixabas. Conhecido em cada esquina, beco, prateleira. Dono da agenda telefônica mais invejada da nossa cena cultural. Mas são as miudezas, de novo, que contam. É lá que mora a poesia. No jazz do vendedor de quebra-queixo, no agudo da geladeira. Na dança da cadeira de Dona Flora. O frio da sala, o calor do futebol. As bolinhas de gude. O peixinho Artur. O livro de Szymborska que te dei de aniversário, onde você viu pousar a borboleta que voou de página em página até pousar de novo nos seus versos de *Blue sutil*. Miúdos eram, sempre serão, seus olhos, como a semente que você colocou sobre a palma da minha mão, fechando bem forte. Sérgio, eu continuarei por aqui, enquanto der. Carrego a luz dos seus olhos nos porões de dentro, e tentarei todos os dias, esse é meu voto, ser aquele escritor. Aquele escritor que você viu em mim.

Eduardo Madeira  
(Escritor e cineasta)





Blank e Eduardo Madeira, no lançamento de *Bichos que habitam as frestas*, de Madeira, no Guanani Hostel, em Vitória, 9 de abril de 2017 (Foto sem crédito).



Blank e Eduardo Madeira, no lançamento de *Os dias ímpares*, no Grappino, em Vitória, em 2017 (Foto de Lívia Corbellari).



Eduardo Madeira e Blank, em evento promovido pelo SESC-Glória, em Vitória, em agosto de 2017 (Foto sem crédito).

O poeta e amigo Sérgio Blank nos deixou repentinamente, ficando suas poesias e histórias para sempre em nossa memória e de todos os leitores. Como me disse: "Safira é de vocês", pouco antes de sua partida.

Você encantou e promoveu o incentivo ao prazer pela leitura a todos com seu livro *Safira* e textos poéticos, na biblioteca, escolas e comunidades, participando de bate-papo ladeado por um público diversificado no Viagem pela Literatura, realizado pela Biblioteca Municipal de Vitória.

Elizete Caser  
(Bibliotecária)



Blank e Elizete Caser (de óculos escuros) em bate-papo sobre *Safira* com os alunos da Escola Municipal Regina Maria Silva, no bairro Inhangueta, em Vitória, em 2006 (Foto sem crédito).

Certa vez, em uma das palestras que fiz no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), a convite de Sérgio Blank, fiz uma brincadeira com ele dizendo: "Puxa, quando o anjo torto profetizou que você iria ser *gauche* na vida, você levou ao pé da letra!". Ele riu, daquela sua maneira, quase sem abrir a boca, mas nunca desmentiu a profecia emprestada do anjo de Drummond. Afinal, ele se sabia um ser diferente em todos os sentidos: no biótipo, na sensibilidade, na dificuldade de se adaptar a este mundo seco e cruel; era uma espécie de *displaced person*, buscando formas de viver nesta selva de seres duros e implacáveis. E, sobretudo, porque amava, respeitava e tratava as palavras com muito carinho; elas eram o seu parque de diversões e a sua ágora, neste planeta azul que gira a uma velocidade incessante e inimaginável. E vai continuar a ressoar forte o Urro, "a notícia da morte nas folhas/ que o vento manso espalha/ espalha...." Seu corpo se foi, poeta, mas seus versos permanecerão para sempre em nós, reverberando em nosso imaginário.

Erlon José Paschoal  
(Dramaturgo e tradutor)



**E**m doze anos, Sérgio Blank publicou cinco livros de poesia de primeira grandeza. Depois, passou mais vinte longe da escrita – mas não da literatura, já que ele continuou ministrando oficinas, editando livros e organizando diversos eventos literários, movido pelo desejo de levar a paixão da leitura adiante e despertá-la nas pessoas. Foi nesse tal “hiato” que conheci sua obra e me encantei com aqueles poemas e seus enigmáticos jogos de citações, assonâncias, hipálages: textos muito instigantes, repletos de arestas e fascinante ironia. Depois conheci o próprio Sérgio, e tivemos inúmeras conversas, privadas e públicas, movidas por sua sensibilidade bastante intensa e peculiar.

Repetidas vezes, declarou que não via motivo para escrever mais – até que um dia, para surpresa de todos, começou a postar curtos textos em prosa nas redes sociais. Eram tão intensos e desconcertantes (tanto no que diziam quanto no trato com a linguagem) quanto seus poemas anteriores. Falavam do jazz improvisado do vendedor de quebra-queixo, do desejo de ficar descalço ao entrar pela primeira vez numa biblioteca, dos potes com bons-bocados de comigominguém-pode e da tatuagem no fêmur ferido. A princípio, Sérgio dizia que não eram literatura e sim rasuras, mas acabou reunindo num livro belíssimo, o *Blue sutil* (2019). Pra mim, rasurar o cotidiano com a força das palavras é literatura pura, é afiar as próprias arestas diante da tal solidão esferográfica, imagem tão evocada em seus antigos poemas – e esses textos mostram que o escritor estava lá, o tempo todo, aguardando a hora certa para nos oferecer suas precisas palavras, que devem continuar reverberando por muito tempo. Assim espero.

Erly Vieira Jr.  
(Escritor e docente da Ufes)



Erly Vieira Jr. e Blank, no Café Literário do Sesc, realizado em 2010, no Hotel Majestic, Vitória (Foto sem crédito).



Erly e Blank no lançamento de *Blue Sutil*, no Horto Mercado, em fevereiro de 2019 (Foto sem crédito).

Sérgio Blank, o poeta íntegro, genuíno, com sutil visão do mundo, deixou vaga este ano a Cadeira nº 09, cujo patrono é Aristides Brasiliano de Barcellos Freire. A morte por demais prematura permitiu que Blank ocupasse durante tempo ínfimo essa Cadeira; no entanto, como uma chama que em tênue brilhar acende uma lareira, que acalenterá toda uma habitação, assim sua breve participação na Academia Espírito-santense de Letras, iluminará o quadro de seus famosos imortais.

Conheci Sérgio Blank quando trabalhava na livraria de meu irmão, Danilo Abreu Vieira, na Livraria da Ilha, propagando o escritor capixaba, e organizando os lançamentos de livros, antes de conhecer a sua obra poética, *Pus*, lançada em 1980, com ilustrações e poemas distribuídos em duas partes: *Pus*, com 59 poemas e *Fel*, com 15, precedendo as outras mais, com singulares títulos: *Um*, *Vírgula*, *Blue Sutil*, *Dias ímpares*. Como divulgador do livro e do escritor continuou quando funcionário público na Biblioteca Pública Estadual, nas organizações de oficinas literárias, e nos encontros com escritores nos programas: "O que você está lendo", ou "O que você escreve". Assim o ler e o escrever constituíram o gosto da vida desse imortal poeta.

Ester Abreu Vieira de Oliveira  
(Escritora e docente emérita da Ufes)



Ester de Oliveira e Blank, na posse do poeta na Academia Espírito-santense de Letras, na Biblioteca Pública Estadual, em 22 de julho de 2019 (Foto sem crédito).

## Sempre Sol e Solidão

Para Sérgio Blank

No sumo da shiraz reencontro Omar:  
Cai um gole a mais ou dois, sei lá,  
Na desditosa garganta do Possível.

Blake, Blank, Khayyam e Hafiz de Shiraz?  
Tanto faz como fez, no indez ou à vera:  
Agora sou eu que sinto o Sol tardo  
Tomo o trago do que me toca viver.

Não turvar a Vida ou ressentí-la  
Bem mais do que ela já é Solidão:  
Somente o desassossego permanece.  
Em Campo Grande do Espírito Santo  
Brotava outra Shiraz ao modo Sérgio?

À moda de Omar percorrer o Tempo:  
Um bom shiraz, papos leves, alguns livros,  
E rosas, amores, poemas sem razão.  
O resto é impossível ou inútil.

## Epicédio em 2020

O Mistério quis assim.  
Mas a nossa conversa de outro dia...  
Ela prossegue.  
Não mais pelo celular;  
continua pelo coração.  
Não, não é um monólogo:  
você fala do âmago  
em que ficam os amigos.

Está certo o número da Marilena  
tirado da sua agenda antiga:  
o papo com ela foi muito bom.  
O Saulo republicará "Blue Sutil"  
com belas fotos em azul do Vítor;  
a maioria você já viu.  
Como perdi o prazo da "Fernão"  
para o dossiê em sua homenagem,

escreverei pequeno texto  
apresentando a nova edição.  
Lembra que lhe disse isso?

E "Safira", sua filha querida?  
Esqueci de comentar que Sandra,  
jovem diarista aqui de casa,  
moradora de Areinha, Viana,  
vai ter mais um filho.  
É uma menina e se chamará Safira  
por escolha do marido.  
Gosto de pensar que ele quis esse nome  
porque leu seu livro quando, criança,  
estudava numa escola em Cariacica.

Com o Caê vou combinar um café  
para devolver os originais do livro premiado  
que você me entregou no final do ano passado;  
não se preocupe.  
Claro que falaremos de você,  
que isso é grande prazer  
quando dois amigos se encontram:  
falar bem e "mal" de um terceiro.

Com coração e poesia dá pra iludir a saudade.  
Ou ela que nos engana com suas garras de tempo?  
Vamos conversando.  
Sempre existe um verso para celebrar a vida.  
Agora brilha o novo Sol da memória,  
e a Solidão acabou.

Fernando Achiamé  
(Escritor e historiador)



Fernando Achiamé e Blank, no evento "Por que você escreve?",  
na Aliança Francesa, em Vitória, em [2017] (Foto sem crédito).





Fernando Achiamé e Blank, na posse na Academia Espírito-santense de Letras, em 22 de julho de 2019, na Biblioteca Pública do Espírito Santo.



No mesmo evento, Blank entre os membros presentes da Academia Espírito-santense de Letras (da esquerda para a direita): João Gualberto, Bernadette Lyra, Pedro J. Nunes, José Roberto Santos Neves, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Getúlio Neves, Sérgio Blank, Francisco Aurelio Ribeiro, Matusalém Dias de Moura, Fernando Achiamé, Marcos Tavares, Adilson Vilaça, Graça Neves, Ítalo Campos, Álvaro José dos Santos Silva e Jorge Elias Neto (Foto sem crédito).

Conheci Sérgio Blank em 1984, apresentado por Reinaldo Santos Neves, no lançamento de seu primeiro livro *Estilo de ser assim tampouco*. Li o livro numa das minhas viagens para Belo Horizonte, onde fazia o Mestrado em Letras. Vi ali um jovem poeta com todo o seu potencial. Me lembrava Rimbaud, em sua rebeldia libertária dos 20 anos. Seu segundo livro de poesias, *Pus*, publicado em 1987, foi por mim analisado em minha tese de doutorado, no capítulo em que tratei da poesia “pós-moderna” dos anos 1980, herdeira da “poesia marginal” dos anos 1970. Sérgio Blank e Waldo Motta foram os poetas escolhidos para análise, pelos traços de narcisismo, transgressão no comportamento do indivíduo em sociedade, pluralidade de vozes, visão apocalíptica da realidade, dentre outros. Voltei para a Ufes, em 1989, e continuei acompanhando a produção desses dois poetas, os mais representativos dessa geração, juntamente com Paulo Sodré e Miguel Marvilla. Em 1991, Sérgio lançou sua única obra escrita para crianças, *Safira*, que teve várias edições. Em 1993, na Secretaria de Cultura da Ufes, pudemos publicar *A tabela periódica*, que representou a maturidade poética de Sérgio Blank. Depois da publicação de *Vírgula*, em 1996, Sérgio ficou 20 anos sem publicar, mas trabalhando ativamente como produtor cultural, na divulgação do livro e da leitura em diversos ambientes. Fomos parceiros no Programa Nacional de Leitura, o Proler, que teve intensa atividade na década de 1990, em todo o país. Sérgio adoeceu, mas nunca deixou de participar de intensas atividades na Biblioteca Pública Estadual. Em 2017, sua obra poética reunida foi publicada pela Causa em *Os dias ímpares* e, em 2019, lançou o seu canto de cisne, *Blue sutil*, prosa poética compartilhada com seus inúmeros amigos das redes sociais. Nesse mesmo ano, foi eleito para a Academia Espírito-santense de Letras e ele me pediu que apressasse-lhe a posse, pois temia não sobreviver à cirrose que o devastava. No entanto, não foi essa que o matou, exatamente um ano após a sua posse, mas a violência urbana dos dias atuais. Sérgio Blank foi assassinado brutalmente, morte semelhante à de sua grande amiga Lacy Ribeiro. Tiraram-lhe sua frágil vida, mas sua lembrança e sua poesia se imortalizaram entre nós.

Francisco Aurelio Ribeiro  
(Professor e escritor)





Ester de Oliveira, Blank e Francisco Aurelio Ribeiro na posse do poeta na Academia Espírito-santense de Letras, na Biblioteca Pública Estadual, em 22 de julho de 2019 (Foto sem crédito).

Vejam só: conheci Sérgio em 1985. Dois anos depois, lançamos, pela mesma editora, e no mesmo mês, dois livros. Ele, *Pus*, poemas. Eu, *Diga Adeus a Lorna Love*, contos. Levar a sério a literatura – claro – nos aproximou. Sabíamos que a publicação de um livro – no meu caso, de estreia – simbolizava um caminho sem volta, mesmo que cheio de curvas nas quais se derrapava e cujo fim desconhecíamos. Onde deu tudo isso? Sérgio se tornou o poeta, com artigo definido mesmo: aquele que, gramaticalmente, tem a importância inquestionável. Li e reli vários de seus poemas, com aquela alegria suspeita de quem conhece o autor dos versos. Mais tarde, levei ao conhecimento dos alunos seu trabalho, quando o vestibular da Ufes resolveu que era a hora e a vez de Sérgio Blank. Sim, para esses novos leitores, um privilégio. Para mim, uma necessidade. Que bom, Sérgio, que eles conheceram você – e como eu, tem a consciência de sua eternidade.

Francisco Grijó  
(Escritor)



Blank e Francisco Grijó, no lançamento de *Fama volat*, de Grijó, em 2019, na Biblioteca Pública Estadual (Foto sem crédito).



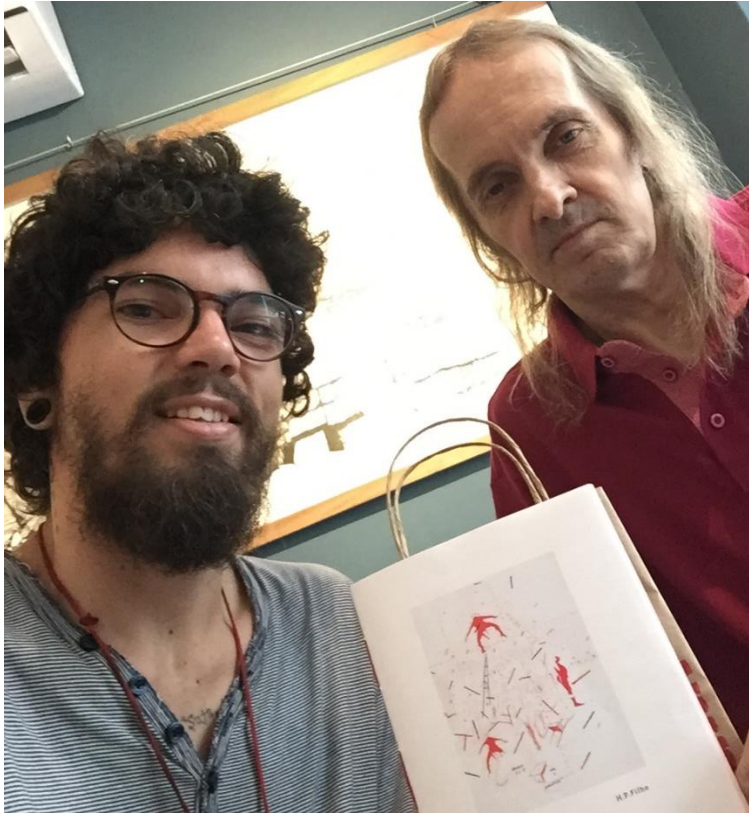
Chamada para “Uma palavra com o autor Sérgio Blank”, com a mediação de Francisco Grijó, no SESC-Glória, em Vitória, 2015.

Que Sérgio era um escritor único e incrível todos já sabem, está aí em seus depoimentos. Quem não o conhecia terá esse prazer como leitor com este portfólio, mas, espero eu expressar um pouco do que ele me passava como pessoa. Blank era um ser humano iluminado, apesar de saber que ele não iria gostar dessa palavra. Ele iria buscar algo como ele: meio andrógeno e diferente. Estranho. Quando falava, de sua maneira, simples e sem farpas, afagava e zoava sem magoar. Ele, ser Sérgio, era um humano simples e comum com uma solidude a mais no pote de seus sentimentos. Me encantou ensinando que na simplicidade das coisas podemos buscar o rebuscado, espremendo, até sair poesia. Que até perto da morte ele a buscava. Se agarrou muitas vezes a ela. Ela a mesma que sobrepunha perante o silêncio do fim, o (e)terno manto que nos esquentava em dias feito estes sem explicação. Sem Sérgio. Dias em que amanhecemos sob um céu azul-blank. Sobraram órfãos de sua presença única, perguntas por fazer, abraços amigos, filhos de sua poética, enfim, admiradores. O ES leitor sentirá falta de tamanha inspiração. De homens que, com livros sob os braços, mudaram nossa forma de ver as sutilezas da vida.

Henrique Pariz Filho  
(Escritor)



Blank e Henrique Pariz Filho no lançamento de *Blue sutil*, em 2019, no Cabrón Cine Bar, em Vitória.



Blank e Henrique Pariz Filho, no Trapiche Gamão, em Vitória, 2019.

## Quem entende as injustiças divinas?

Usamos trapos, trajamos cacos, caminhamos estilhaçados por fragmentos da realidade, falar o que pensa é tão inconveniente.

Qual valor de nossa poesia?

Cavucamos sentimentos que não valem e mesmo assim continuamos fragmentos.

Dormir é pra quem tem tempo, sonhar é realidade.

Dinheiro é um detalhe preciso e sem ele continuamos fragmentos.

Brilho nos olhos não paga boletos, cigarros, cervejas e livros muitos livros, poesia e ar puro, e continuamos fragmentos.

O quadro pintado pelo poeta é tão lindo, que não tem valor, que ninguém compra e ninguém investiga e que ninguém lê.

Deus sempre passeando por seu universo playgrounds que foram feitos para homens fajutos, quem entende as hipocrisias divinas?

Cansei de escrever minha indignação, mas como se a vida é luta, se a vitória é surda, se o poeta apanha a vida toda e nunca, nunca, nunca, deixa de ser poesia?

Talvez eu esteja equivocado e falo isso pela perda de um poeta. A poesia de Sérgio Blank continua viva e nós continuamos fragmentos.

Jhon Conceito  
(Escritor e slamista)



Blank e Eduardo Madeira no campeonato estadual de Slam ES, em 2018, organizado por Jhon Conceito, na Biblioteca Pública Estadual.

P<sub>ro</sub> Blank

Não gosto do poema máquina  
 prefiro vê-lo armadilha  
 o verso correndo na trilha  
 suando roncando na picada  
 é só tê-lo na mira  
 sem respirar  
 engatilhar e atirar  
 no fim da emboscada  
 dobra o corpo pesado da rima  
 sobre o capim  
 da campina amassado  
 a fina sintaxe se prostra  
 mostra os dentes quebrados  
 treme as pernas traseiras  
 babando sangue  
 gemendo à míngua  
 pende pro lado a língua  
 pintada de roxo  
 grama e poeira  
 um inseto passeia  
 no beijo da boca  
 sob um céu desterrado de vidro  
 uma luz apaga o sentido  
 um vaga-lume vaga  
 pisca escondido  
 sobre o capim  
 da campina amassado  
 o poema fera  
 é pelos olhos comido

João Moraes  
 (Escritor, músico e documentarista)



O tempo das ostras

Para Sérgio Blank

*A suprema arte é a raiz dos ausentes*

E se as mãos fechadas  
tiverem o dom de deflorar os sentidos?

E o germe alijado no assombro  
— a palavra —  
erguida pelo morno vento  
tomar assento nas almofadas dos sonhos?

E se o manto do tempo  
revestir a ilha  
revestir o homem  
com o nácar do descontentamento?

E a forma tosca  
— antes sem sentido —  
se expandir esférica  
e romper a boca  
ofertando a pérola?

Cansei de debulhar o milho e apagar as velas

Para Sérgio Blank

O negro se entorna  
sobre os últimos respingos do dia

Aquece a água do banho,  
Despe-se,  
e se recosta na noite úmida



É assim a despedida da vida:  
o desperdício da poeira  
na inspiração da bruma morna

A morte é passageira do tempo.

3 de junho de 2020

Jorge Elias  
(Escritor)

## I N MEMORIAM SÉRGIO BLANK

falam dos meus versos  
já falavam  
agora comentam com lágrimas  
minha face pálida  
segue no Face  
onde antes estava o vírus a morte  
já ia  
no começo da estrofe  
fim  
saúdo a todos acidez com suco  
a última palavra tem muitas outras  
depois dela  
pois bem não choro não rezo  
até logo olá  
com soco ou sem dependendo dos que  
na lanchonete e no bosque

Lino Machado  
(Escritor)

**E**m fevereiro de 2017, Sérgio Blank me ligou me convidando para trabalhar junto com ele na produção e na divulgação do lançamento da 2 edição de sua obra completa *Os dias ímpares*. Foi uma oportunidade e uma alegria muito grande poder compartilhar com esse poeta a “Noite dos dias ímpares”, que foi como chamamos o evento que marcaria seu retorno a escrita. Foi um lançamento muito carinhoso que contou com muitos amigos e leitores e um sarau em que lemos seus poemas.

Em 2016, também estivemos juntos na “Cachaçada Literária”, em uma edição em que Sérgio Blank e Bernadette Lyra eram um dos escritores convidados.

Sérgio era conhecido pelo afeto e gentileza com que tratava a todos. É uma tristeza enorme a perda do poeta, mas ficamos com as boas lembranças e os belos poemas.

Lívia Corbellari  
(Poeta e ativista cultural)

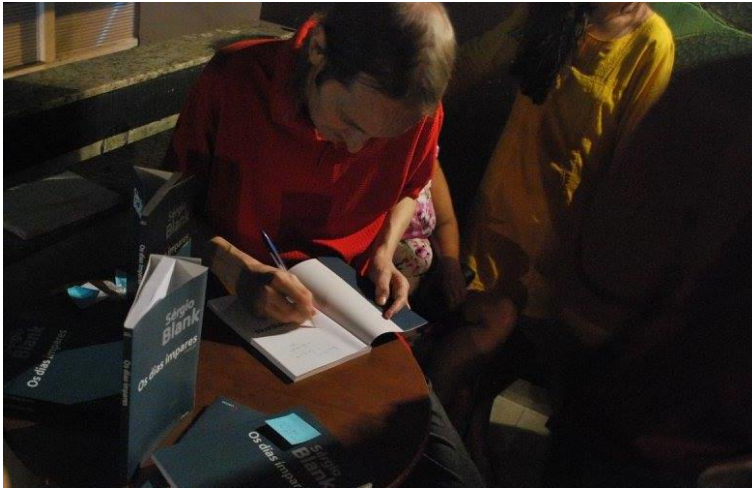


Blank, Lívia Corbellari e Bernadette Lyra, no evento Cachaçada Literária (Foto sem crédito).



Blank no lançamento da 2ª edição de *Os dias ímpares*, no Grappino, em Vitória, em 2017 (Fotos de Lívia Corbellari).





## Política literária 3

p/ Sérgio Blank

Se alguém que tira ouro do nariz,  
ou veia/artéria que desfaz um fio  
e puxa o coração com desfastio,  
jogando logo fora o que não quis,

vier contar, assim, num boca a boca,  
que o tempo já passou, a hora é outra,  
que a vida é só uma mudança louca,  
e qualquer rumo se desvia à toa:

estende a mão e aperta como quem  
espera do outro a própria mão; se apruma:  
o traço do passado não se anula -  
triste é a dor daquele que não tem.

(E, se alguém te disser que a dor não presta,  
essa é a maior licença poética.)

Lucas dos Passos  
(Poeta e docente do Ifes)



Blank, Bernadette Lyra e Lucas dos Passos, no evento Cachaçada Literária, em 2016, em Vitória (Foto sem crédito).





Blank e Lucas dos Passos no lançamento de *Os dias ímpares*, no Grappino, em Vitória, em 2017 (Fotos de Livia Corbellari).



Meus primeiros contatos com o escritor Sérgio Blank ocorreram no início da década de 1990 na Livraria da Ilha, no Shopping Vitória, espaço no qual o poeta organizava lançamentos de livros e atividades de promoção da leitura. Bons tempos aqueles!

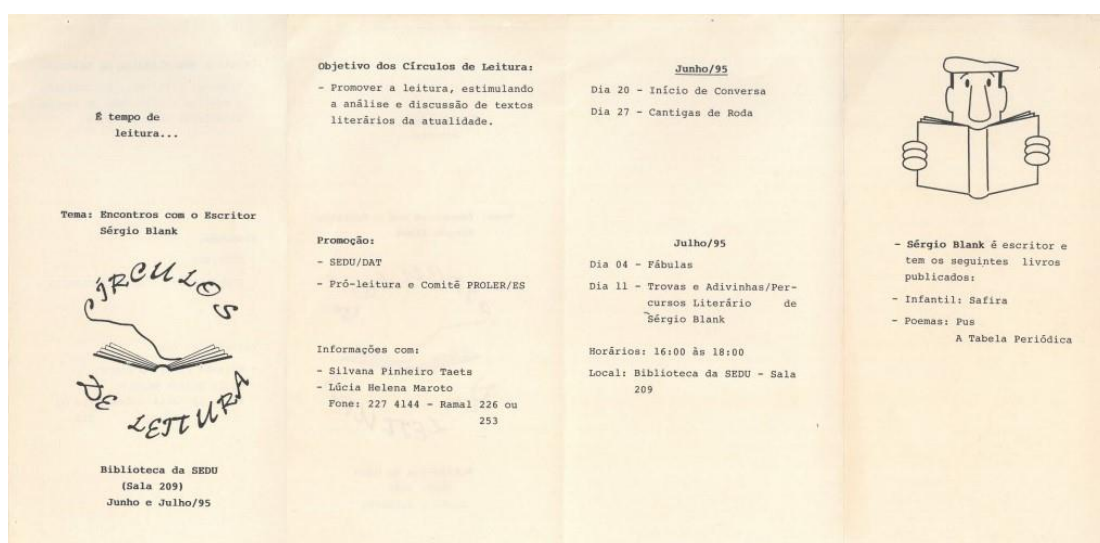
Como testemunha ocular, posso afirmar que Sérgio Blank teve uma participação efetiva e fundamental na difusão da literatura capixaba, bem como nas ações de incentivo à leitura desenvolvidas no Espírito Santo a partir de 1993 pelo Proler - Programa Nacional de Incentivo à Leitura -, atuando em oficinas, palestras e encontros com leitores. Participou também, dos círculos de leitura realizados em 1995, no espaço da Biblioteca da Sedu, e de muitas outras atividades literárias em todo o estado.

Foi assim, com uma vida intensa de leituras e tantas histórias vividas e lidas ainda por contar, que num dia do mês de julho/20 o escritor, sorrateiramente, e com a delicadeza de sempre, resolveu sair de cena. Partiu "fora do combinado", como diria o compositor Rolando Boldrin, deixando todos que o conheciam perplexos, inquietos e saudosos.

Enfim..., a vida continua. Parafraseando Manoel de Barros, o poeta voou fora da asa, e deixou com sua obra e sua dedicação exclusiva à literatura um importante legado para a cultura capixaba.

Gratidão sempre, Sérgio, e muita Luz!

Lucia Helena Maroto  
(Bibliotecária)



Chamada para o círculo de leitura de Blank, organizado por Lucia Maroto e Silvana Pinheiro, realizado em 1995, no espaço da Biblioteca da Sedu, em Vitória.



Blank, à esquerda, e Lúcia Maroto, no centro, no Círculo de Leitura, na Secretaria de Educação, nos anos de 1990.



Outros dois registros do círculo de leitura de Blank (ao fundo), realizado em 1995, no espaço da Biblioteca da Sedu, em Vitória (Fotos sem crédito).



Há doze anos me atrevi a transformar meus versos, outrora engavetados, em uma publicação, um livro. Informando-me sobre a Lei de Incentivo à Cultura de Cariacica cheguei até a referência da literatura na minha cidade. Na Lanchonete Castelo, em Campo Grande, encontrei Sergio Blank pela primeira vez, percebi, com o tempo, que nem precisávamos marcar para encontrar Blank, ali, costumeiramente, sempre estava sentado, pensativo, ao lado de um copo de cerveja, com seus louros fios cobrindo suas orelhas e parte do rosto.

Entreguei a ele impressos de meus poemas, que após cerca de dois anos fariam parte de meu primeiro livro, *Outros de mim*.

Em outro encontro, me presenteou com um livro seu, *Os dias ímpares*, [Naquela mesma noite havia o devorado] e, mostrando certa graça sobre meus escritos, me incentivou a escrever mais, ler mais e me deu instruções diversas sobre a produção do projeto para a publicação de meu livro.

Foi deferido, publiquei meu livro e logo “nem marquei outro encontro” lá estávamos em uma mesa do Castelo, ao lado do banco Caixa. Contemplei aquele sorriso azul-ocular feliz ao ser lembrado, ao ser presenteado.

Após isso, nossos encontros passaram a ser mais frequentes nos eventos literários e lançamentos de livros. E, sempre, para mim, foi perceptível que aquele olhar podia dizer todas as palavras que nós, tidos poetas, demoraríamos tempos para transcrever.

Aquele olhar se foi nos deixando na certeza que ainda tinha muito o que falar.

Marcos Bubach  
(Escritor)





Marcos Bubach, à esquerda, Marcelo Siqueira, Mirani Azevedo, Blank, Pedro Nunes e Adilson Vilaça na posse do poeta na Academia Espírito-santense de Letras, na Biblioteca Pública Estadual, em julho de 2019 (Foto sem crédito).

## Sérgio Blank: um estilo de ser assim humano

Conheci-o desde ele bem rapazinho, já bibliófilo, quando então vendia livros no *campus* universitário (Ufes). Na condição de estagiário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA-Ufes), nos idos de 1984, fui-lhe primeiro leitor, pois analista avaliador de obra dele então apresentada à Divisão de Editoria. Levou, datiloscrito, um calhamaço. Dada a limitação orçamentária da entidade, apadrinhou-o o decano Renato Pacheco, que a mim delegou missão de escolher o que dele seria publicável. Mais surpreendido fui ficando, cada vez mais, com a originalidade de sua dicção poética. Já os versos de abertura, uma anúnciação (“ser sérgio/branco de luz luiz”), exprimiam tratar-se de um lírico singular, em sendo ele um jovem com apenas vinte (20) anos de idade. Percebi, em quase todos, uma angústia existencial e, também, um deboche de tudo. Assim, tanto senti desconforto quanto experimentei muito embaraço no descartar poemas: pareciam ter uma inequívoca unidade. Também ele não facilitou a minha tarefa (“Ou tudo ou nada”, com voz suave, mas firme, sentenciou). Unhas grandes, cabelos longos e loiros, vestido com uma espécie de bata branca, lembrava um anjo de igreja. E, irreverentes, às ocultas, como era de praxe, pusemo-lhe logo cognome: O Vampiro. Sim, um doce vampiro. Triste o seu sorriso. Embora sua aparente simplicidade, avalei-o pessoa bem complexa. E muito valorosa. Publicado, pois, na íntegra, o seu livro *Estilo de ser assim, tampouco* (1984), inaugurou-se a coleção Alternativa, também encerrada com esse. Eu então aprovado em concurso público, indo atuar em Dorés do Rio Preto (ES), assumiu ele o meu lugar na FCAA. Nessa pôde ele presenciar maior parte editorial da coleção “Letras Capixabas”, inclusive, aí, o seu próprio livro *Pus* (1987) e o meu *No escuro, armados* (1987), ambos em coedição com editora carioca, a Ânima.

Foi um bom humano. Pacifista. Leve. Um pássaro. Merecedor de toda espécie de homenagem.

Assim a vida é: fadada a um desfecho. Qual um livro: após narrativas, um ponto final. E Sérgio Luiz Blank era mais livro do que humano. Um livro enigmático. Agora mais fechado, indecifrado permanecerá.

Marcos Tavares  
 (Escritor)





Maxwell Riva (então Secretário Municipal da Educação da Prefeitura de Dorés do Rio Preto-ES), Pedro J. Nunes, Joca Simonetti (então editor da revista *Você*), Reinaldo Santos Neves, Renato Pacheco, Marcos Tavares, Luiz Guilherme Santos Neves e Blank, a caminho do Seminário de Letras Capixabas, em dezembro de 1993. Abaixo, os autores no seminário (Fotos sem crédito).



Deny Gomes, Miguel Marvilla, Blank e Lacy Ribeiro, no lançamento *Promessas do tempo: poemas*, de Deny, na Fafi, em Vitória, em 1994 (Foto de Marcos Tavares).



Marcos Tavares, Blank e Elpídio Ferreira Sant'Anna Filho,  
na Biblioteca Pública Estadual, em 2011 (Foto sem crédito).

Sérgio Blank – poeta imprescindível: visceral, irônico, de difícil classificação; fundamental ao movimento de renovação literária nos anos de 1980 no Espírito Santo. Pessoa delicada e generosa, não careta, aberta ao mundo a seu modo: sutil, crítico, azul. Oficineiro de leitura e escrita poética junto a pessoas com doenças e transtornos mentais. Responsável por inúmeras obras publicadas pela Secretaria de Estado da Cultura, trabalhador da biblioteca pública. Mas, para mim, antes de tudo, o poeta a quem conheci autor sentadinho caneta em punho no lançamento de livros ao qual fui, ainda criança, lá em Campo Grande - quando, então, descobri que gente viva escrevia, publicava livros, autografava. Aquela pessoa muito branca, com cara de dark, cabelos longos, voz mansa criou uma impressão muito forte de enigma e convite sobre meu espírito-menina; sempre que eu voltava da escola ou fazia pequenos serviços para minha mãe na rua eu o via sentado no mesmo bar - que, depois, pela doença, ele parou de frequentar. Sérgio foi durante anos uma reserva de mistério, num bairro superpovoado de subúrbio, em que todo mundo considera delicadeza um desperdício. Essas fotos são dele, generosamente, no lançamento de meu livro *Poema algum basta*, 30 anos depois que eu, inauguralmente, o vi: vê-lo ali não se compara a nada que eu seja capaz de dizer. Mas acrescento que, na minha família, Sérgio Blank ainda é o filho de seu Ângelo, dono da mercearia que, quando meu avô adoeceu e ficou sem trabalho, não deixou que minha mãe e seus irmãos criassem intimidade com a fome. Minha mãe repete isso com os mesmos olhos marejados com os quais escrevo. Obrigada, Sérgio Blank, por tudo.

Maria Amélia Dalvi  
(Escritora e docente da Ufes)



Maria Amélia Dalvi e Blank, no lançamento do livro *Poema algum basta*, de Dalvi, no Trapiche Café, Vitória, em 2019 (Foto de Ana Flávia Freitas).

## A descensão do anjo

O anjo branco, digo, Blank, sem asas, caiu de paraquedas na editoria da Ufes, onde o conheci, e, mordaz e sarcástico, Logo nos encantou, escrevendo um mágico poema:

“Cinquenta mil anjos mortos no céu.

Eu disse para a coorte que o assassino era Deus.

Ele, como maldição, disse-me adeus:

– ‘Volte para a Terra, para o inferno dos seus!’

Condenou-me a ser um imortal de Academia,

A sós, como o judeu errante da lenda assim vivia.

Pois os mortos vão perdendo a atualidade, sem celulares, sem covid,

E não caminham pelos labirintos de Borges, como eu farei.

Mas são em forma de eu não ser o que eles são agora:

Não podem vir a ser o que eu sou a qualquer hora.

Em nenhum dia, eles recuperarão a si mesmos, felizes,

E, mesmo eu estando a uma ilha preso,

Estou feliz, pelo que farei entre um e outros deslizes.

No intervalo entre o que eu era

e o que eu seria

é que existe meu ser.

Sou aquilo que me foi permitido conhecer,

Qual Narciso olhando sua imagem,

Paralisado, alheio à sua viagem

até vocês, meus vivos prolongamentos.

Ser eterno me dá uma cruz e um alento.”

Casamar, 8 de agosto de 2020

Oscar Gama Filho  
(Escritor)



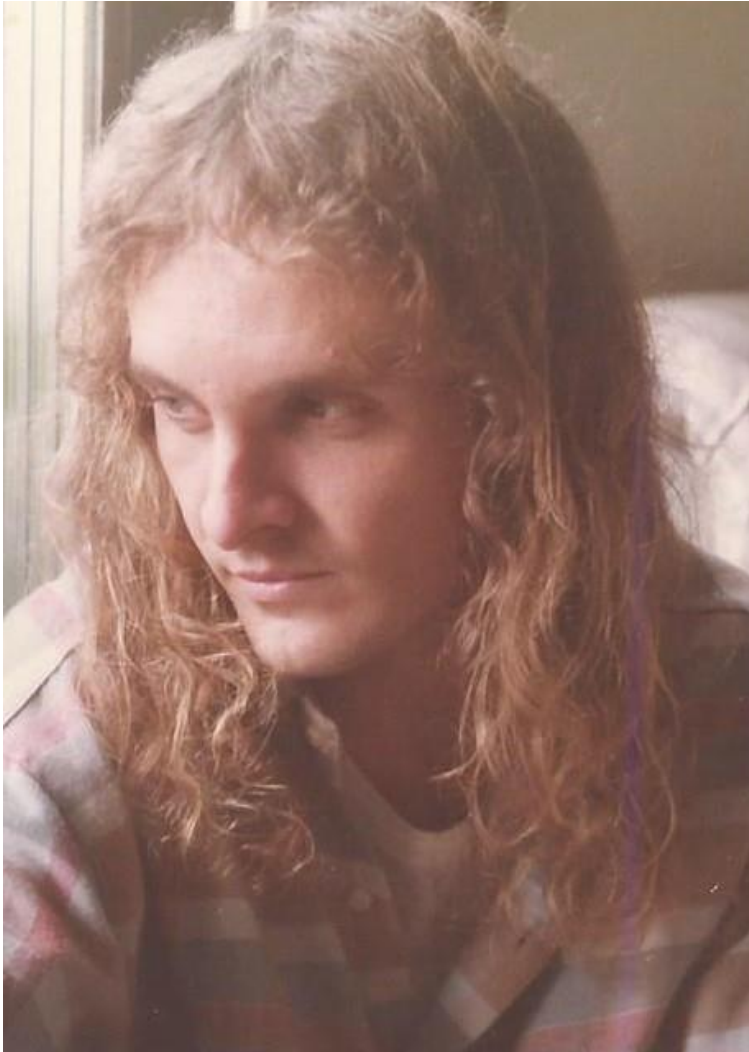
## Dos estilos, das vírgulas, dos ímpares.

O rapaz que parecia saído de um rock inglês melancólico me olhou e me estendeu a mão, na sala do editor de literatura da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, na Ufes, Reinaldo Santos Neves. Olhei-o e estendi-lhe a mão, ouvindo Reinaldo falar que era poeta de Campo Grande. Voltei às aulas da graduação em Letras ou peguei o ônibus para Alto Lage (assim me ocorre a memória que, hoje, já não me traz nitidez). Embora estivesse nos anos fervilhantes de 1980, e sendo eu de natureza antiga, pensei: acho que não trocaremos mais que um aperto de mão, apesar de ser ele poeta (e *dark*) de Big Field. Os anos e os sábados de café da tarde e vídeos de Fellini no apartamento do Parque Moscoso de Reinaldo me contradisseram. E seguimos cúmplices entre conversas na Ufes e no Bar Castelo, caronas no fusca 1300 caramelo de Reinaldo e lançamentos na Livraria da Ilha, prefácio para *Vírgula*, almoços na Praia do Suá e projetos na Biblioteca Pública Estadual... Entretanto, o que o tempo faz encontrar, um dia, desvia o rumo. Não seria diferente conosco. *What do you see when you turn out the light?*

Paulo Roberto Sodré  
(Escritor e docente da Ufes)



Blank, Paulo Roberto Sodré e Reinaldo Santos Neves, no lançamento de *Poemas desconcertantes*, de Sodré, na Biblioteca Pública Estadual, em 2012 (Foto de Amanda Brommonchenkel).



Blank, em 1992 (Foto de Paulo R. Sodré).)



Blank, Rita Maia e Paulo R. Sodré, num dos lançamentos de livro na Livraria da Ilha, em 1996 (Foto de Zanete Dadalto).



O Espírito Santo é terra de poetas. Nesta terra, em Cariacica, nasceu e morreu um de seus melhores. Sérgio Blank, dono de um ritmo pessoal e de uma sintaxe única, construiu sua obra literária e a inscreveu na história de nossa poesia. Lamentavelmente ele nos deixou. Não importa com quantos anos partisse, sempre partiria precocemente. A literatura deste lugar perde o poeta; eu perco, além do poeta, o amigo querido, sempre gentil e atencioso. Felizmente os escritores têm uma sobrevida. Desta forma, enquanto a história literária do Espírito Santo lhe fizer justiça, sua poesia continuará entre nós, repercutindo suas imagens inesperadas, surpreendendo pelas palavras nunca desvendadas.

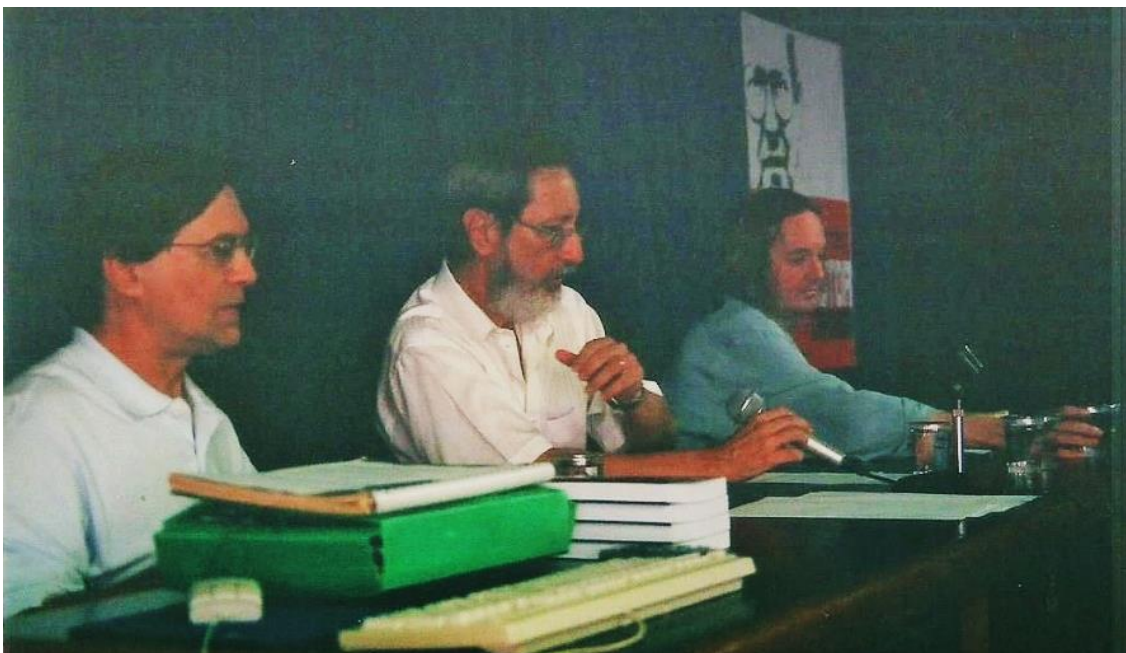
Pedro J. Nunes  
(Escritor)



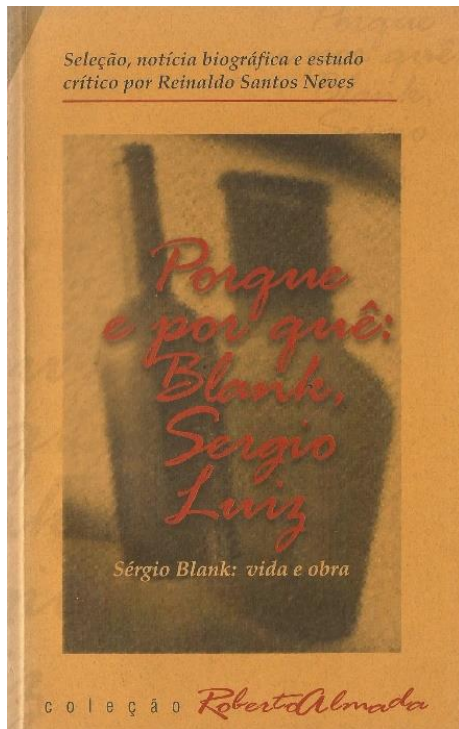
Pedro Nunes e Blank, no lançamento de *Blue sutil*, no Horto Mercado, em 2019 (Foto sem crédito).

**E**steja certa, leitora, certo, leitor, que poema de Sérgio Blank é coisa tão inconfundível quanto - se me permitem a símile jazzística - o piano de Thelonious Monk. Tem a impressão indelével de sua digitália. Tem o selo de suas idéias em ziguezague (pra usar expressão de Mendes Fradique). Tem o cheiro e a mancha de seu suor. É uma espécie de sudário em que transparece, em marca d'água, o rosto do poeta com seus louros de solidão e azia. Que são, aliás, seus temas de estimação. A solidão humana e o aziago desespero por ela gerado, o vazio, a falta de valores, ideias, perspectivas - e de fraternidade. Somos todos filhos de Eva - levamos conosco a marca de Caim. Matamos o outro e, matando o outro, matamo-nos persistentemente a nós mesmos. A obra de Sérgio Blank, portanto, é uma visão koyaanisqátsica do mundo, um tratado de desesperança em que a poesia é a última que morre. [Trecho transcrito do livro *Vírgula*, de Sérgio Blank, 1996, ao qual serviu de introdução.]

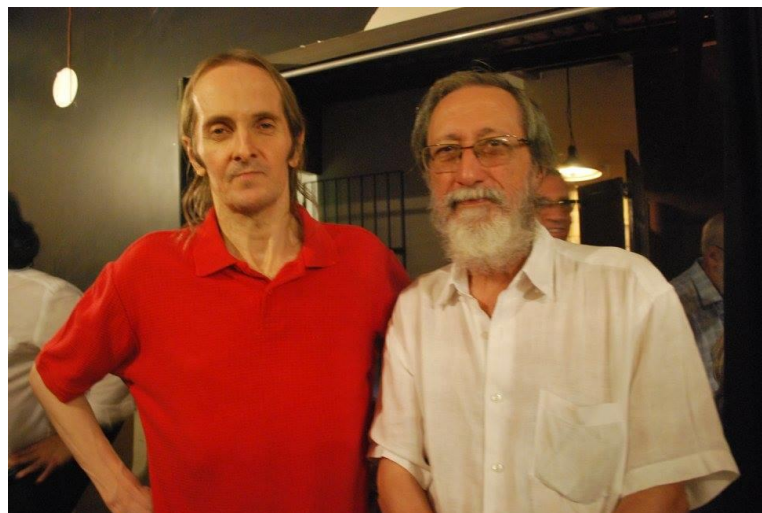
Reinaldo Santos Neves  
(Escritor)



José Irmo Gonring, Reinaldo Santos Neves e Blank no evento *Bravos Companheiros e Fantasmas*, na Ufes, em 2006 (Foto sem crédito).



Capa de *Porque e por quê: Blank, Sérgio Luiz*, de Reinaldo Santos Neves, publicado em 2002 pela Prefeitura Municipal de Vitória.



Blank e Reinaldo Santos Neves, na noite de lançamento de *Os dias ímpares*, em 2017, no Grappino, em Vitória (Foto de Livia Corbellari).

**M**eu amigo Sérgio Blank, poeta enormíssimo e uma pessoa só coração. Um grande da cultura nacional, diria. Lembro de ter digitado o seu ótimo livro "Um" para a sua Antologia "Os dias ímpares" (a pedido do professor Paulo Sodré, da UFES, em 2008). Lembro também que quando eu trabalhava na Biblioteca Transcol, e ele era uma espécie de gestor do projeto. Quando ia à minha unidade, a prosa era sempre boa: debatíamos a Literatura daqui e do mundo, o ato de escrever, música, cinema, Beatles e políticas públicas. Blank, com sua poesia non sense, tropicalista, modernista, nova, marcou seu nome para sempre em nossas letras. Poesia visceral de quem vivia o que escrevia e escrevia o que vivia.

Ricardo Salvalaio  
(Escritor e docente)

## Réquiem para Sérgio Blank

Ouvimos, tantas e tantas vezes, Sérgio Blank lembrar Cecília Meireles para falar de sua descoberta da poesia e de seu amor por ela. Intuitivo, nostálgico e ambíguo esse amor, que o acompanhou pela vida afora. À canção da poetisa recorro agora para dar meu adeus ao amigo, com quem convivi por tantos anos: “Ando à procura de espaço/ para o desenho da vida. [...] Se penso encontrar saída,/ em vez de abrir um compasso,/ projeto-me num abraço/ e gero uma despedida”. Cômico de que o homem é verbo, assim Sérgio Blank parte, deixando-nos desolados. Sabemos que coincidências não existem. Ele fez das paixões, tipicamente humanas, matéria de literatura. Espirituoso, irônico, o poeta fazia chistes como ninguém. Não posso deixar de me perguntar por que Sérgio Blank, inesperadamente, sendo o poeta que é, parte assim em tempos de melancolia. É ele quem me responde, acordando-nos para os encantos dos dias: “Tirei a solidão que estava guardada na gaveta e lavei. Quando a tarde cair – na hora do ângelus – a solidão vai debruçar na janela da frente e esperar”.

Rita de Cássia Maia e Silva Costa  
(Docente aposentada da Ufes)



Rita de Cássia Maia e Blank, na posse do poeta na Academia Espírito-santense de Letras, na Biblioteca Pública Estadual, em julho de 2019 (Foto sem crédito).



# [O POETA O HOMEM O LIVRO]<sup>1</sup>

*A Sérgio Blank*

Quanta dor suporta o corpo,  
este inimigo da eternidade?

Quanta eternidade não cabe,  
em um *blues* de 23 anos?

[ o poeta o homem o livro ]

## **poetahomemlivroblank**

a maior palavra da língua gentil  
em processo de exoneração  
rara palavra sem definição  
que apavora a burocracia  
mas que ilumina como um sol  
na garganta do futuro

Rodrigo Caldeira  
(Escritor e editor)



Rodrigo Caldeira e Blank, no lançamento de *Blue sutil*, no Horto Mercado, em fevereiro de 2019 (Foto sem crédito).

<sup>1</sup> Este poema faz parte do livro *O lutador* (Vitória: Cousa, 2020).



Desde que soube que eu pesquisava a obra de Fernando Tatagiba, na graduação e, depois, no mestrado, Sérgio Blank me recebia na Biblioteca Pública do Espírito Santo com muito carinho. Quantas vezes me levava café e sentava para conversar naquela sala dedicada à literatura capixaba... Eu me sentia privilegiada. Foi ele, junto com Reinaldo Santos Neves, quem me deu a notícia sobre o primeiro prêmio de literatura que recebi do edital da Secult. E foi depois de um longo tempo recluso que escutei dele sobre o retorno e a necessidade de resistir à morte. Era sensível e a voz sempre em tom delicado trazia paz e, ao mesmo tempo, força. Blank é nosso maior poeta e era uma honra estar com ele nesses eventos, na sua presença, na sua amizade, diante daquele olho azul.

Sarah Vervloet Soares  
(Escritora)



Blank, Sarah Vervloet e Caê Guimarães, no evento Cachaçada Literária, em 2016, no Guaananí Hostel, em Vitória.



Blank e Sarah Vervloet, no lançamento de *Os dias ímpares*, no Grappino, em Vitória, em 2017 (Foto de Lívia Corbellari).



Lucas dos Passos, Blank, Casé Lontra Marques e Sarah Vervloet, no lançamento de *Os dias ímpares*, no Grappino, em Vitória, em 2017 (Foto de Lívia Corbellari).

Sérgio era um dos gigantes da literatura produzida no Espírito Santo, além de importante ativista dela. Produziu livros, eventos, além de diversas outras ações, seja na Biblioteca Pública Estadual ou em espaços privados. Trabalhei com ele na saudosa Livraria da Ilha quando estava começando minha vida em Vitória e aprendi muito. Anos depois, ao lado do poeta Rodrigo Caldeira, tive o privilégio de publicar a reunião de livros *Os dias ímpares*, obra que tem nos trazido muitas alegrias na Cousa. Nos últimos anos tivemos Sérgio conosco em muitos eventos no Trapiche Café e na Jalan Jalan. Na semana de sua partida fui até ele para levar um exemplar do livro de entrevistas *Notícia da atual literatura brasileira*, organizado por Vitor Cej, André Tessaro Pelinser, Letícia Malloy e Andréia Delmaschio, obra em que foi entrevistado. Foi uma despedida. Encontrei o poeta animado com novos projetos, animado ao modo dele, claro, com uma alegria irônica, um riso debochado, paradoxalmente pessimista. Blank era um pessimista de ação, a meu ver. Fez muito. E vai viver pra sempre.

Saulo Ribeiro  
(Escritor e editor)



Saulo Ribeiro, Nat Nobre e Blank no bar De Angelis, em Campo Grande, Cariacica, em outubro de 2019, um dos locais de que o poeta era frequentador.

Conheço Sérgio desde os anos 1990, quando ele trabalhava na Livraria da Ilha. Nessa época, fomos também parceiros no Comitê Estadual do PROLER. Presenciei muitos eventos promovidos por ele e sempre tive seu apoio para o meu trabalho. Tenho seus livros carinhosamente autografados, a primeira edição de *Safira*, o relançamento de sua obra poética e o mais recente *Blue sutil*. Não convivíamos muito, a não ser nas redes sociais. Em 2019, estive a meu pedido na escola em que trabalhei e nos encontramos pela última vez em um sarau de *Slam*, na Biblioteca Pública Estadual. Conversamos bastante e dali seguimos juntos para o lançamento de um livro. Admirava seu olhar acolhedor para com qualquer pessoa. Tenho por ele grande apreço. Além de importante poeta, foi um insistente promotor da cultura no Espírito Santo.

Silvana Pinheiro  
(Escritora e educadora)

O céu ficou de um azul-blank que me enche os olhos. Sonhei com o Sérgio Blank no início do mês de Julho e pensei em convidá-lo para uma live, pois no sonho eu o entrevistava com a pergunta: - Se Fernando Pessoa escrevia em pé, Vinicius de Moraes na banheira e dizem que Bram Stoker escreveu o Drácula de cabeça para baixo, como naquela charge que você compartilhou no Facebook, qual o seu hábito de escrita mais estranho que pode ser comparado a esses? Depois só lembro que ríamos como bons amantes da literalidade que sentimos. Quando acordei até elaborei outras perguntas, uma delas era sobre os dias ímpares e o trabalho.

A entrevista faria parte do blog Letras In.Verso e Re.Verso, caso o projeto de lives, proposto aos colunistas pelo professor Pedro Fernandes, professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, quem comanda o blog, viesse a vingar (o que não ocorreu, por vários motivos). Como escrevi para o blog o texto crítico "O blues inútil para Kublai Kan e útil para o mercador de fato preto", e com o acontecimento do sonho, o nome dele era certo. Ele tinha gostado muito desse texto crítico, conversamos bastante sobre o assunto, quando eu o mostrei e ele me disse que eu tinha posto felicidade em um dia sem pretensões para tal. Não acredito que o seu dia tenha sido mais feliz que o meu.

Por coincidência ele me encomendou no dia oito de Julho de 2020 um exemplar do meu livro *Classe Média Baixa*, acho que por ter visto o vídeo de indicação de leitura do escritor Henrique Pariz Filho para a Biblioteca Pública Municipal de Vitória Adelpho Poli Monjardim. Durante a conversa, ao nos despedirmos eu enviei a ele a seguinte mensagem:

- Tudo de bom aí na quarentena. Tempos difíceis, mas vamos resistindo. Abraço! E ele me respondeu:
- Me habituei em viver no exílio. Há sete anos estou recolhido para cuidar da saúde. A vida no esconderijo possui seus confortos rs. Em breve o fim-do-mundo vai acabar e voltaremos às ruas e lutas. Abraço. Cuide-se bem.

Tínhamos uma sintonia de literalidade. Mal sabia ele que com a sua fala de despedida tinha praticamente entrado no livro que me encomendou, dividindo comigo escrita e vivência. Dias depois vi a notícia de sua morte anunciada no telejornal ESTV, segunda edição, e senti sua presença na mesma hora, com os olhos cheios de lágrimas.

Evoé, Poeta!, você que fez mais que por merecer o fígado que precisava, mas para todo efeito a infelicidade que provém de não tê-lo conseguido é apagada por sua pena clássica, da lavra de Prometeu, Virgílio e Leminski. Evoé, Poeta!



# O Céu de um Filete Dark

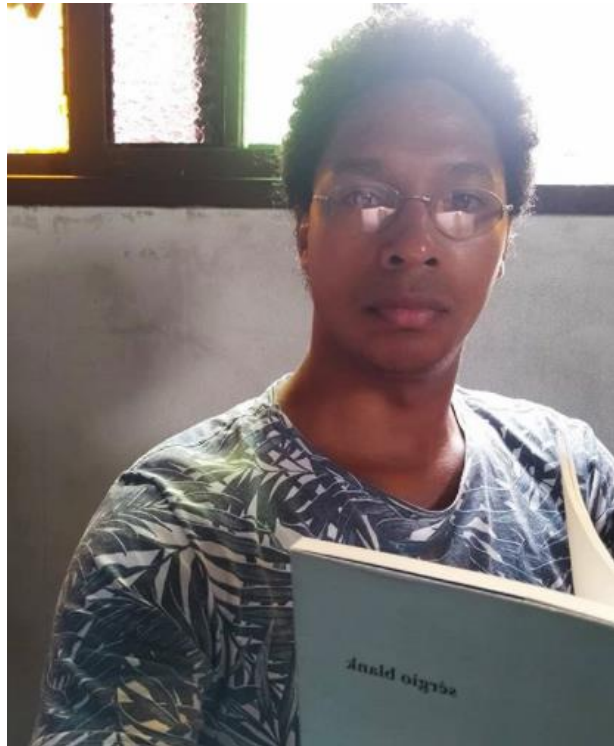
Cara, e a cica  
 deu um luto  
 de três dias  
 Hoje o céu está  
 Sérgio Blank  
 E minhas mãos  
 estão sujas  
 por abrir  
 suas nuvens  
 Ficaram com um tom  
 de azul que é seu,  
 um azul-blank  
 E um dia do seu luto  
 é um dia do escritor-  
 mor de Cariacica  
 Isso de mãos  
 que escondem o céu  
 é mor cica sua

Wagner Silva Gomes  
 (Escritor)



Postagem sobre *Blue sutil*, de Wagner Silva Gomes em seu Instagram, em fevereiro de 2019.





Postagens de Wagner Silva Gomes com os livros *Blue sutil* e *Os dias ímpares*, em seu Instagram, em julho de 2020.

**D**elicadeza: essa é uma palavra que aparece com frequência quando ouvimos as pessoas falarem de Sérgio Blank. Sim, ele era assim: leve, educado, biscoito fino.

Nossas vidas se cruzaram muitas e muitas vezes: em nosso trabalho no Pró-Ler, quando orientei a dissertação de Sinval Paulino sobre a obra dele, nas minhas idas à Secult e à BPES, na minha participação no filme de Jorge Evandro, nos eventos que culminaram no livro *Por que você escreve?*, em muitos lançamentos de livros e alguns botecos depois, em tanta coisa...

Sérgio falava baixinho, perto da gente. Mais de uma vez me falou (e ele mesmo escreveu isso) da imensa admiração que tinha pelo Reinaldo – amigo, leitor, confidente. Admiração plenamente recíproca, ele sabia.

Nós, que aqui ainda estamos, vamos, Sérgio, fazendo o que é necessário: ler, estudar, divulgar sua obra, em todo lugar que tenha a delicadeza de merecê-la.

Wilberth Salgueiro  
(Escritor e docente da Ufes)



Wilberth Salgueiro, João Gregório Salgueiro e Blank, no Trapiche Café, Vitória, em 2019 (Foto de Ana Flávia Freitas).

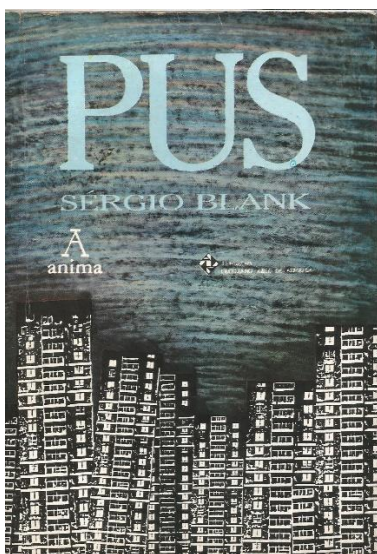
BIBLIOGRAFIA DE SÉRGIO BLANK



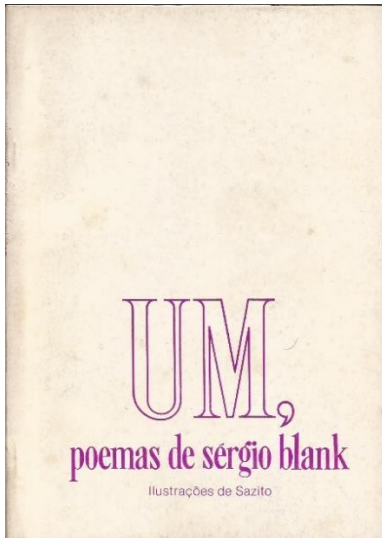
Sérgio Luiz Blank



*Estilo de ser assim, tampouco* (1984).



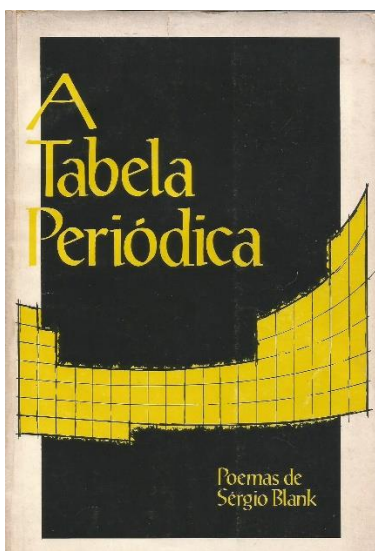
*Pus* (1987).



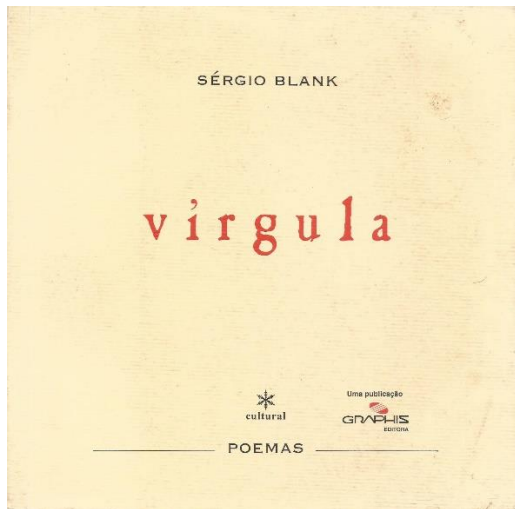
*Um* (1989).



*Safira* (1991).



*A tabela periódica* (1993).



*Virgula* (1996).



*Os dias ímpares* (2011).



*Os dias ímpares* (2019).





*Blue sutil* (2019).